



EXPERIÊNCIAS

experiences

DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA LIBRAS DOS PROGRAMAS ADAPTADOS DA TV INES

La traducción y la interpretación lengua portuguesa/
Libras de los programas adaptados de TV INES

Ruan Sousa Diniz²⁴

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

O presente artigo visa explicitar os processos de tradução e interpretação da Língua Portuguesa para Libras – Língua Brasileira de Sinais – dos programas adaptados da TV INES. Foi realizada a descrição desses sob a ótica do próprio autor, enquadrado como tradutor e intérprete de Libras/Português nesta organização. Abordam-se os motivos que respaldam a necessidade de criação de uma TV específica para surdos, atrelada aos seus valores culturais e linguísticos, além das implicações decorrentes da nova conjuntura televisiva por ter como público alvo o povo surdo. Assim sendo, identificam-se a

²⁴ Tradutor-intérprete de Língua de Sinais (Libras)/ Português da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e professor da disciplina de Libras no SENAC-Rio. E-mail: ruandiniz@roquettepinto.org.br.

complexidade e intercorrências ao se trabalhar com tradução e interpretação entre línguas de modalidades diferentes, destacando papéis considerados implícitos nas práticas laborais dos tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Tradução e interpretação, Libras, Português, TV.

RESUMEN

El presente artículo pretende explicitar los procesos de traducción e interpretación de la Lengua Portuguesa para Libras - Lengua Brasileira de Señas - de los programas adaptados de la TV INES. Se realizó la descripción de estos bajo la óptica del propio autor, enmarcado como traductor e intérprete de Libras / Portugués en esta organización. Se abordan los motivos que respaldan la necesidad de crear una TV específica para sordos, vinculada a sus valores culturales y lingüísticos además de las implicaciones derivadas de la nueva coyuntura televisiva por tener como público objetivo al pueblo sordo. Por lo tanto, se identifican la complejidad e intercorrencias al trabajar con traducción e interpretación entre lenguas de modalidades diferentes, destacando roles considerados implícitos en las prácticas laborales de los traductores e intérpretes de Lengua Brasileira de Señas y Lengua Portuguesa.

Palabras clave: Traducción e interpretación, Libras, Portugués, TV.

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se desenvolve aborda todo o contexto que o tradutor e intérprete de Libras e Português está inserido dentro da TV INES. Em específico, a partir da tradução e interpretação da Língua Portuguesa para Libras dos programas chamados adaptados, há a descrição dos processos que as envolvem e as implicações na

atuação deste profissional. Exibe-se uma realidade prática a partir de conceitos, diferenciando os processos que muitas vezes são confundidos. Há visões diferentes sobre o tradutor, que variam do en Deusamento ao traidor. A máxima italiana que se perpetua ao longo dos séculos, “*traduttori, traditori*”, reforça este último. Pagano (2015, p. 14) discorre:

Antiga e famosa, legitimada por todas as épocas e culturas, esta afirmação ainda domina as conversas e comentários sobre tradução. Ela é responsável pelo descrédito que a profissão recebe em alguns círculos e, infelizmente, continua sendo confirmada por exemplos de trabalhos improvisados ou realizados por pessoas não qualificadas.

Mediante a isso, convém inferir que a competência referencial falada ao longo dos textos, exigida do tradutor profissional, requer formação continuada e não uma atividade empírica recheada de “achismos”. Há de se compreender que o trabalho em dupla é fundamental para fluidez no processo de interpretação simultânea. Magalhães (2010, p. 108) afirma:

Na interpretação simultânea, o trabalho também é feito em dupla. Em cada cabine, dois intérpretes de revezam na tradução durante todo o evento. A principal razão para se trabalhar a dois é a absoluta atenção exigida no ofício. Eventos desafiadores, com grande densidade de conteúdo apresentado em alta velocidade, requerem dos intérpretes total foco na conferência. Qualquer distração é imediatamente punida com perda de conteúdo ou, pior, de credibilidade. Está provado que o ser humano só é capaz de manter níveis ótimos de atenção por curtos períodos de tempo. Trabalhando em dupla, os intérpretes têm a possibilidade de se revezarem a cada 20 ou 30 minutos, permitindo com isso que cada um dê o máximo de si quando chegar a sua vez.

No caso dos programas adaptados, não pelo revezamento, entretanto pelo apoio e conferência lexical escolhida. Este revezamento deve ser substituído pelo descanso. Levando-se em consideração

esses aspectos, a relevância deste artigo se dá pelo fato de levar ao público interno e externo todos os processos envolvidos até que um programa esteja pronto para ser veiculado. Com ele também se pode desmistificar concepções incorretas relativas ao tradutor e intérprete e sua atuação profissional.

A metodologia utilizada para composição do presente foi a descrição da rotina do autor, também funcionário desta instituição, a partir dos registros dos processos aqui abordados, sejam escritos ou os próprios programas veiculados. Convida-se os leitores a adentrar no mundo da tradução e interpretação e a compreender a complexidade ao se trabalhar com línguas de modalidades diferentes. Dentro dos estudos já consagrados por teóricos da área, os quais decorrem sobre modalidades de tradução e interpretação como Fábio Alves (2015), Célia Magalhães (2015), Adriana Pagano (2015), Paulo Rónai (2012) e Ewandro Magalhães (2007), envereda-se à vertente que vem ganhando cada vez mais espaço, que é o caso das línguas de sinais, como a Libras, encontrado nos trabalhos de Ronice Quadros (2004) e Neiva Aquino (2010).

Estruturalmente, o trabalho aborda a necessidade de uma TV para surdos, seguido de uma apresentação da TV INES, primeira TV totalmente bilíngue e acessível do Brasil. Em sequência, desenvolve-se considerações sobre o processo de tradução e interpretação dos programas adaptados. Encontra-se também a metodologia utilizada na abordagem deste artigo contíguo aos resultados das descrições e, por fim, a conclusão deste.

METODOLOGIA

Diante das atividades desenvolvidas por todos os tradutores e intérpretes de Libras e Português da TV INES, foi realizada uma pesquisa descritiva, um relato de experiência, sendo este campo o próprio espaço onde são desenvolvidas as atividades laborais dos mesmos. A partir dos dados colhidos, seguiu-se uma descrição desses buscando explicitá-los categoricamente, atrelados a um referencial teórico detalhado no fim deste artigo.

POR QUE UMA TV PARA SURDOS?

É importante, antes de se falar de uma TV para surdos, entender quem é o povo surdo. Patrícia Rezende (2012, p.70) aborda que:

O povo surdo se constitui de sujeitos com senso de pertencimento, com uma identidade enraizada na formação do ser surdo com experiências, anseios e embates e que utiliza a língua de sinais, a língua visual, com signos e sentidos linguísticos que lhe são naturais. Não é apenas a língua o fator determinante para a constituição da comunidade surda, há outros pontos relevantes, como compartilhar artefatos culturais, piadas, histórias surdas e sentimentos de pertencimento a um povo que constrói a sua história cultural. É um discurso cultural, afastando do termo clínico “deficiência”, de que tanto tentam nomear o povo surdo.

Grande parte dos surdos são apenas sinalizantes, ou seja, utiliza a Libras para se comunicar e, além disso, adotam o português escrito como segunda língua. Diante disso, as legendas disponíveis em algumas programações televisivas não são suficientes para tornar a programação acessível, tendo-se em vista que não são todos fluentes em português e que a estruturação sintática da Língua Portuguesa é diferente da Libras, bem como o fato de os vocábulos empregados, muitas vezes, não serem de uso cotidiano dos mesmos. Engendra-se assim a construção de uma TV cultural e não apenas que leve ao entretenimento. A comunidade surda é composta de surdos e ouvintes, sendo esses pais de surdos, intérpretes, amigos, ou seja, aqueles que compartilham dos mesmos anseios deste povo, apesar de não serem surdos. O que é diferente do povo surdo, composto por aqueles como bem definiu acima Patrícia Rezende. Nuccia de Cicco (2016, p.49) defende que:

A surdez é cheia de nuances e isso é difícil de compreender. Não é uma classificação única. Somos surdos, mas não somos todos os mesmos surdos. Somos diferentes pela maneira como aconteceu, ou no grau de profundidade da surdez, pelo modo como lidamos com o quadro, na comunicação que

usamos, ou como nos vemos na sociedade. Cada um tem sua história, seu diagnóstico, sua educação, sua primeira língua. Aceitar estas pequenas diferenças é complicado.

É importante salientar que se trata de uma comunidade heterogênea. Dentro da mesma há diversos públicos que, de acordo com sua língua materna, fatores políticos e sociais, adotam identidades distintas, as quais contribuem para a multiplicidade dentro dessa comunidade. Tratando-se de atores sociais, o elenco assemelha-se em sua condição, mas difere-se em suas peculiaridades.

Assim sendo, a necessidade é muito mais que ofertar um produto dito acessível, no que tange à incorporação de janela com interpretação simultânea do Português para Libras, que é um recurso de acessibilidade pouco empregado nas grandes mídias, e legendas, ainda que isso tenha sido um grande avanço, oriundo das lutas da comunidade surda por garantia ao direito de acesso à informação.

Essa realidade implica em pensar uma TV cuja programação não se limite a importar conteúdos pensados por e aplicados a ouvintes, mas torná-los acessíveis ao público em questão. O anseio é um produto que, a partir dos artefatos culturais de um povo, constitua em toda sua conjuntura razões que levem este grupo específico a identificar-se com o conteúdo exibido e a enxergar-se nas telas como protagonistas.

Tais condições implicam em fluxos de trabalho que em certos momentos divergem de uma TV tradicional, mas que não deslegitimam seu fim diante das novidades inerentes ao processo de produção. Tendo como condição primária a adoção da Língua Brasileira de Sinais como veículo de informação e difusão interna, surgem desafios que contrastam não somente com a venerada estética, como também com o próprio corpo de colaboradores que diariamente são imersos num universo vasto e metamórfico.

Nesse novo cenário, personagens que antes não eram componentes do quadro funcional de uma TV, como um apresentador surdo e tradutores e intérpretes de Libras e Português, bem como uma equipe de assessoria especializada, passam a ser incorporados não como coadjuvantes, entretanto, interferem diretamente na razão de ser pela qual essa se dispõe a atuar.

Como diferencial e inovação no mercado televisivo, uma TV que passa a ser chamada de bilíngue resgata um setor da sociedade que antes era excluído do acesso à informação e entretenimento devido à sua condição, não sensorial, mas linguística, que historicamente viveu sob o jugo do estereótipo da deficiência. Visto a defasagem educacional devido ao atual sistema inclusivo brasileiro, a escassez de conhecimento primário por consequência do despreparo familiar ao receber uma criança surda e a inabilidade da sociedade como um todo de lidar com as diferenças emerge não por compensação, porém como fonte de ciência, cultura e diversidade de entretenimento.

A TV INES E OS PROGRAMAS ADAPTADOS

A TV INES é a primeira webTV totalmente bilíngue do Brasil. Em resposta à necessidade eminente da comunidade surda brasileira, a Roquette Pinto Comunicação Educativa, em parceria com o Instituto Nacional de Educação de Surdos, o INES, fundam-na em 24 de abril de 2013, data marcante para esta comunidade, visto que a Lei de Libras (10.436/02) foi sancionada também nesta data, reconhecendo a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão.

Tendo em seu quadro de colaboradores profissionais já esperados em uma televisão tradicional, a TV INES também conta com apresentadores surdos e tradutores e intérpretes de Libras/Português que, juntos, são movidos pelo desafio de produzir um canal voltado aos surdos e acessível a todos, contando com locução em toda a programação, legendas e audiodescrição. No site da própria TV INES (2016), afirma-se:

Na web 24 horas por dia (em *streaming* e vídeo *on demand*) e em aplicativos para celulares, tablets e televisões conectadas à Internet, a TV INES oferece uma grade de programação eclética com foco na comunicação educativa: informação, cultura, entretenimento, esporte, documentários, desenhos animados, tecnologia, aulas de Libras,

revistas eletrônicas, filmes com legendas descritivas e um *talk show* em língua brasileira de sinais.

Essa variedade permite que todo público surdo, independente da sua faixa etária, possa estar entretido com a programação e sempre atualizados com as notícias nacionais e internacionais do recente Primeira Mão, jornal da TV INES.

Dentre os programas, há os chamados “programas adaptados”, que são produzidos por outras emissoras e cedidos à TV INES em parceria. Esses passam por adaptações, a fim de que se tornem acessíveis aos surdos, com interpretação em Libras e legenda. São eles: Brasil Eleitor, Centro de Apoio aos Surdos, Interesse Público, Ligado em Saúde, Momento Ambiental, Salto para o Futuro e Via Legal. Tratam de assuntos relacionados à política em geral, à saúde, ao meio ambiente e à educação. É do processo de tradução e interpretação desses os programas que este artigo trata.

O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Não se objetiva com este artigo discutir, reformular ou até mesmo criar um novo conceito para o que se entende por tradução. Fato é que não se limita ao ato de transpor um texto de uma língua fonte para uma língua alvo, ainda que muitos trabalhos estejam neste sentido, de tradução interlingual. É possível havê-la dentro de uma mesma língua, quando se recorre à substituição de signos equivalentes para que haja um melhor entendimento e interpretação, que é a tradução intralingual. Quando é preciso passar algo para um sistema de signos diferente do sistema da produção original, tem-se uma tradução intersemiótica e “é em virtude dessa tradução que uma pessoa se ofende quando outra não lhe aperta a mão estendida ou se sente à vontade quando lhe indicam uma cadeira ou lhe oferecem um cafezinho” (RÓNAI, 2012, p. 20). Nota-se, neste exemplo, que os signos não-verbais contribuem para infinitas interpretações e o sentido responsivo varia individualmente.

É por meio dela que se pode chegar a um processo de interpretação mais distante de erros, como a simplória sinalização do

português, ou seja, utilizar os léxicos da Libras baseados na estrutura da Língua Portuguesa. Rónai (2012, p. 20) explicita:

A maioria das pessoas, quando pensa em tradução, faz ideia de uma atividade puramente mecânica em que um indivíduo conhecedor de duas línguas vai substituindo, uma por uma, as palavras de uma frase na língua A por seus equivalentes na língua B.

Nessa passagem, a visão do senso comum sobre o ofício do tradutor restringe-o a transpor termos entre as línguas, excluindo toda dimensão sociolinguística da tradução. Sabe-se que um sinal ou uma palavra não pode ser analisada de forma isolada, visto que é necessário um contexto para que haja sentido.

De acordo com a demanda, o núcleo da produção responsável por gerir esses programas seleciona e distribui aos tradutores e intérpretes para que possam iniciar seus estudos na preparação desses. A princípio, busca-se realizar uma distribuição que esteja de acordo com as preferências dos tradutores, tendo em vista sua competência referencial, que em síntese é o conhecimento prévio do assunto que há de ser abordado, o que contribui para um bom fluxo de trabalho, podendo-se destacar a otimização do tempo, tão logo que, já familiarizados com o assunto, a compreensão do tema é melhor absorvida. Isso possibilita construir com mais facilidade sentenças na língua alvo, bem como suas adaptações e aproximações linguísticas que sejam intrinsecamente pertencentes ao povo surdo, exigindo que sua competência linguística não esteja limitada a um aglomerado lexicográfico e de regras gramaticais, contudo, que permeie esse campo tendo a libras como um artefato cultural deste povo, um patrimônio imaterial por meio do qual suas relações são estabelecidas.

Logo, envolve desde expressões idiomáticas, as suas variações, sejam essas diafásicas, pois é fundamental saber o modo como as interações com o interlocutor será feita, sabendo o nível de linguagem a ser empregado. Essa situação é bem evidenciada quando há temas de relevância no campo da saúde, por exemplo, devendo o intérprete ocupar-se em transmitir não somente o conhecimento, mas a forma como esse será passada a um público tão plural,

exigindo que em determinados momentos haja usos de outros recursos que não sejam apenas os sinais, mas classificadores e aspectos não-manuais que podem por si só transmitir ideias. É possível, também, essa variação ser histórica, pois da mesma forma que as línguas orais se modificam ao longo do tempo, acontece nas línguas de modalidade viso-espacial, que é o caso da Libras. Tão logo, o intérprete deve ser perspicaz e saber empregar termos que alcancem o público nesta realidade. As variações diatópicas, no processo de tradução destes programas, são amplamente percebidas, visto que a coleta de sinais se dá em campo nacional, podendo um mesmo termo na língua fonte ter quatro ou mais correspondentes na língua alvo. As variações diastráticas encontradas na Língua Portuguesa também devem ser passadas para a Libras com o melhor equivalente semântico possível, considerando seus efeitos.

Todavia, nem sempre será possível que a distribuição dos programas se equipare com a realidade supracitada, visto que se lida dentro de um contexto maior de televisão que não se ocupa apenas em produzir programas como esses, o que levará o tradutor a buscar a competência referencial necessária para haver uma tradução considerada de qualidade e funcional.

Num primeiro momento, os programas são entregues em formato de vídeo, podendo esse ser em mídia num CD-ROM ou online através do servidor interno, demandando conhecimento básico de informática. No decorrer do vídeo são feitas anotações dos termos desconhecidos, como jargões, gírias, dialetos ou um simples sinônimo dentro da própria Língua Portuguesa, o qual facilmente pode ser substituído (como por exemplo, ósculo por beijo). Ainda, encontram-se termos que se desconhecem seus equivalentes em Libras, como nome de lugares, personagens históricos ou personalidades locais. Os registros gráficos são feitos tanto em português como em *signwriting*, que é um sistema de escrita das línguas de sinais capaz de representar todos seus componentes linguísticos, desde que haja conhecimento para tal. Segundo Stumpf (2005, p. 51)

o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam

unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações.

Através desse sistema, o tradutor grafa suas anotações com a própria escrita da língua alvo, excluindo descrições empíricas de um sinal, usando um sistema de escrita formal.

Diante dessa situação, busca-se fazer uma coleta de sinais numa esfera interna, logo, com os demais intérpretes e apresentadores surdos. Não sendo encontrado um sinal ou um conjunto de sinais que se aproxime da palavra requerida em português, a coleta passa a ser feita externamente, tanto em caráter regional como nacional, com os demais surdos e tradutores e intérpretes, pessoalmente ou por intermédio de aplicativos de comunicação e redes sociais que permitam o uso de vídeos para troca de mensagens ou até mesmo por texto, havendo a descrição do sinal, caracterizando-o através dos parâmetros gramaticais da Libras. Em último e desprestigiado caso, opta-se pelo uso da datilologia, principalmente ao não se tratar de substantivos próprios. Tenta-se excluir a intraduzibilidade, requerendo outros recursos que não seja um empréstimo linguístico da Língua Portuguesa. Também surgem orações inteiras que precisam ser repensadas no momento de tradução.

Feita toda coleta e adaptações, o tradutor rever o vídeo comparando e revisando-o a fim de dar prosseguimento às etapas seguintes. Não é descartada a tradução intralingual dentro da Libras, pois nem sempre uma tradução considerada correta por sua formalidade e equivalência entre as línguas traduzidas é a melhor opção, considerando a pluralidade encontrada na comunidade surda e a importância de alcançar todos que assistem à programação.

Findo todo o processo de tradução, segue a interpretação do mesmo para gravação em estúdio, melhor detalhado a seguir.

PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO

Interpretação não envolve uma língua escrita, como na tradução. Logo, parte-se do ponto da oralidade, especificamente de uma língua sinalizada. Uma mensagem na língua fonte é transferida para a língua alvo, de maneira simultânea, quando são realizadas

ao mesmo tempo, ou consecutiva, quando há um intervalo entre os enunciados das línguas em questão. Dessa forma, os programas adaptados da TV INES são interpretados simultaneamente da Língua Portuguesa para Libras. Por se tratar de um contexto televisivo, há uma equipe multiprofissional responsável pela gravação e todos os outros processos que são requeridos para a finalização de um programa.

Há detalhes que devem ser observados pelos intérpretes de línguas de sinais, que podem, em alguns momentos, diferenciá-los dos intérpretes de línguas orais. A saber, ultrapassam questões meramente estéticas e acabam adentrando no campo linguístico, visto que, apesar de possuírem as mesmas propriedades linguísticas, são de modalidade distintas - aquela espaço-visual e esta oral-auditiva. O intérprete deve “ser discreto em sua forma de atuar. Não mastigar chicletes nem usar roupas e adereços que distraem os que dependem dele não chamando a atenção para si mesmo dificultando a interpretação” (QUADROS, 2004, p. 43). Neste ínterim, o uso de adornos mais chamativos, vestimentas não-neutras, entre outros, acabam por se tornar responsáveis pela poluição visual, tão logo, um ruído na comunicação. Nota-se a importância de cumprir tais quesitos diante da nova realidade apresentada, devendo os profissionais da produção de moda serem capacitados, a fim de que essas questões externas estejam alinhadas para que seja possível atender plenamente ao público surdo.

No estúdio, com fundo em *chroma key*, podendo ser verde ou azul, o intérprete é posicionado e enquadrado de modo que a composição final seja capaz de exibi-lo em um plano considerado americano, ao lado do programa originário em menor escala. A equipe de ingest de mídias, alinhada a um *switcher* e ao cinegrafista responsável pela execução da demanda, organizam-se por meio de comandos, permitindo o início do processo de interpretação e garantindo que o intérprete esteja ciente dos limites permitidos para realizar o ato interpretativo, bem como outros apontamentos para início, pausas, cortes e finalização.

Durante a interpretação, ocorrendo erros, a mesma é interrompida e reiniciada a partir do ponto de corte mais próximo. Em alguns casos é utilizado um *teleprompter* (equipamento que

funciona como um espelho, fixado às câmeras de vídeo, no qual o texto a ser interpretado é exibido) para que o intérprete possa se guiar quando necessário - o uso do alfabeto datilológico, principalmente com o nome de entrevistados e termos científicos. O mesmo também é utilizado para informações que sirvam de alerta ao próprio intérprete, como a ergonomia, que envolve desde a postura dos ombros a movimentos exagerados com a boca, aproximando-se de um bimodalismo e desvios no uso da língua, como vícios de linguagem.

Considerando a realidade de uma interpretação simultânea, é possível que, durante este processo, algumas informações sejam perdidas, tornando-se necessária a presença de mais um intérprete, que servirá de apoio observando se o conteúdo da língua fonte coincide com o que está sendo interpretado para língua alvo. Ainda assim, não se exclui a ocorrência de erros, pois mesmo que trabalhando para que se tenha uma interpretação fiel, o que há de se obter como produto são aproximações linguísticas.

Observa-se que a interpretação apresentada é feita entre línguas de modalidades diferentes. Por conseguinte, além de se encontrar num campo mental, mais especificamente neurolinguístico, em que a competência linguística vai exigir, entre outros aspectos, conhecimento semântico para construção de valor e sentido correspondentes entre as línguas; pragmático, visto que o uso da língua vai permear numa esfera sociocultural, articulando-se além do sentido, mas no uso concreto da língua; e sintático, pois a composição das orações são estruturadas, em cada uma das línguas, de formas diferentes. O campo modal é alterado, logo que não se importa para uma outra língua oral-auditiva, mas espaço-visual, não utilizando, neste caso, devido a língua fonte ser o Português, o aparelho fonador, contudo o corpo externo. Diante disso, intervalos para descanso são fundamentais, tanto neuro quanto fisicamente, impactando na qualidade do produto e fortalecendo as relações humanas, pois, mesmo diante de um trabalho aparentemente abstrato, as consequências são concretas.

Após finalizada esta etapa, o material é encaminhado para edição, onde há a inserção do que foi interpretado ao programa original, acrescido à legenda.

RESULTADOS OBTIDOS

Em face do exposto nos textos deste artigo, depreende-se, assim, que tanto quanto nas línguas orais, os processos de tradução e interpretação nas línguas de sinais emergem em complexidade linguística, tradutória e referencial, cabendo a este profissional buscá-las a fim de enquadrar-se nos padrões necessários ao exercício da sua profissão. Em confluência, é imprescindível que haja, além de tempo hábil para estudo dos programas, coleta de sinais e demais atividades diretamente ligadas às dinâmicas que acontecem antes do estúdio, o intervalo a cada período de vinte a trinta minutos, para que haja descanso físico e mental e, por conseguinte, dar continuidade aos trabalhos com a máxima qualidade que se possa oferecer.

Verifica-se, também, uma visão mais profissionalizada e menos mecanicista do intérprete, diante de toda complexidade presente nos processos de tradução e interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, é possível compreender a complexidade dos processos que envolvem tradução e interpretação, especialmente aqueles que envolvem línguas de modalidades diferentes, como é o caso da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais. A figura do tradutor e intérprete como alguém que transfere mecanicamente dados de uma língua fonte para uma língua alvo é substituída pelo exercício de um profissional pesquisador e mediador dos conflitos linguísticos que naturalmente ocorrem na sua atuação. Da mesma forma, amplia-se suas vertentes de trabalho, não mais limitando-se à esfera educacional, contudo, dentre diversas possibilidades, à televisão, o que engendra uma nova conjuntura a fim de que esse profissional seja inserido de forma eficaz para que o público alvo em questão seja assistido com excelência.

As atividades laborais envolvem níveis de visibilidade. O que antecede o estúdio, ou seja, a tradução, não é vista com tanto prestígio quanto à interpretação. Todavia, aquela influencia diretamente

nesta, visto que são as pesquisas, as buscas por correspondentes linguísticos e a procura por melhores adequações que fazem a interpretação ser qualitativa ou não. Isso se dá ao fato de muitos enxergarem a visualidade da Libras e não atribuírem o seu status linguístico, que suas propriedades são tão complexas quanto qualquer outra língua oral. Nesse viés, a entonação, a altura da voz, a maneira como as palavras são articuladas e a velocidade das mesmas são percebidas de acordo com as situações que os intérpretes de línguas orais são expostos, ocorrem de igual modo com os intérpretes de línguas de sinais, contudo, o que há de se perceber são os parâmetros gramaticais. Isso significa que a jornada de trabalho, o ambiente físico e outros fatores que envolvam o campo da mente vão influenciar positiva ou negativamente em configurações de mão precisas, pontos de articulação localizados com precisão, movimentos e orientação corretos e, especialmente, nos aspectos não-manuais, como as expressões faciais e corporais, que alteram todo o sentido de uma oração. A mínima modificação de um desses pares mínimos compromete todo um discurso.

Em virtude dos fatos mencionados, além da descrição dos processos de tradução e interpretação da Língua Portuguesa para Libras dos programas adaptados da TV INES, nota-se, também, a figura do tradutor e intérprete de língua de sinais e português nesse novo contexto, o televisivo, bem como todas as implicações decorrentes da realidade exposta. É indubitável que condições favoráveis e outros estímulos desencadeiam a qualidade em todo processo produtivo. Ressignifica-se, assim, papéis e palcos, personagens e pessoas que atuam e exercem não somente a sua profissão, mas também o dever de cumpri-la para si, no que diz respeito à realização pessoal e ao outro, mediante a plenitude e satisfação daquilo que é bem feito.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva. Mesclagem de voz e tipos de discurso no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. Florianópolis. *Revista Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 26, p. 291-306, 2010
- BRASIL. *Lei n.10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm.
- CICCO, Nuccia De. *Pérolas da minha surdez*. Porto alegre: Wwlivros, 2016.
- MAGALHÃES, Ewandro. *Sua majestade, o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PAGANO, Adriana. Crenças sobre a tradução e o tradutor. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- QUADROS, Ronice. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; SEESP, 2004.
- REZENDE, Patrícia. *Implante coclear: normalização e resistência surda*. Curitiba: CRV, 2012.
- RÔNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- STUMPF, Marianne. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*, 2005. 330 folhas. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.